

A PEDAGOGIA FREIREANA: AMOR E ÓDIO NA CURVA DE UM TEMPO

VERÔNICA DOMINGUES ALMEIDA

Universidade Federal da Bahia, Dr^a em Educação E-mail: veedomingues@gmail.com ORCID:
<https://orcid.org/0000-0001-5232-3838>

MARIA ROSELI GOMES BRITO DE SÁ

Universidade Federal da Bahia, Dr^a em Educação E-mail: roselisa.rds@gmail.com ORCID:
<http://orcid.org/0000-0002-5457-1074>

RESUMO

Este texto se inscreve no campo de discussões sobre amor, educação e docência. Intenciona provocar um debate sobre manifestações de amor e ódio, por parte de professores, acerca da obra de Paulo Freire, na curva do tempo entre os anos de 2013 e 2017, período em que se instala um crescente processo de polarização sociopolítica e em que ocorre um avanço de ondas neoconservadoras, em nível mundial e nacional. As subjetivações do amor na educação foram compreendidas no caos e no transbordamento dos acontecimentos e traduzidas em uma metodologia inspirada na bricolagem de Lévi-Strauss e Kincheloe e em conceitos da “geofilosofia” de Deleuze e Guattari, denominada “caosgrafia”, que engendrou a composição de paisagens através de uma cartologia rizomática, traçada em territórios teóricos múltiplos. A obra de Paulo Freire foi discutida em dois movimentos: reflexões sobre a concepção freireana de amorosidade, em forma de tensionamentos no campo epistemológico, e a interpretação da polarização em torno de sua obra, a partir de postagens de professores no *Facebook*. Considerou-se a relevância e a complexidade conceitual da obra freireana e foram destacadas suas contribuições para rupturas em concepções pedagógicas hegemônicas ao evidenciar a presença do amor na educação, bem como tensionada a ideia de um amor determinado. Considerou-se, também, que os enfrentamentos de opiniões sobre a obra de Freire no *Facebook* tendem a não possuir uma argumentação coerente e que os sentidos de amor enunciados pelos docentes revelam algum distanciamento das proposições originais freireanas e mesmo a negação de seus princípios.

Palavras-chave: Amor. Docência. Educação. *Facebook*. Pedagogia Freireana.

THE FREIRIAN PEDAGOGY: LOVE AND HATE IN THE CURVE OF A TIME

ABSTRACT

This article is subscribed in the field of discussions about love, education and teaching. Aim to provoke a debate about manifestations of love and hate, by teachers towards the Paulo Freire's work, in the curve of time between 2013 and 2017, period in which is installed a growing process of socio-political polarization, and in which occurs the advance of neo-conservative waves in national and worldwide levels. The subjectivations of love in education were understood on chaos and overflowing of happens and translated in a methodology inspired by the Levi-Strauss DIY and Kincheloe, and concepts of the “geo-philosophy” of Deleuze and Guattari, named “chaos-graphy” that begeted the composition of landscapes through a rhizomatic cartography, tracked in multiple theoretical arenas. The Paulo Freire's work was discussed in two movements: reflections about the Freirian conception of loveliness, in way of tensions in the epistemic field and the interpretation of polarization towards his work, since the teacher's posts on *Facebook*. Was considered the conceptual relevancy and complexity of the Freirian work and were highlighted his contributions to hegemonic pedagogical conceptions breakouts bringing evidence of the presence of love in education, also tensioned the idea of determined love. Also was considered that the struggles between opinions towards the freirian work on *Facebook*, tends to haven't coherent arguments and the sense of love mentioned by the teachers reveals some distance from the freirian original proposals even the negation of his principles.

Keywords: Love. Teaching. Education. *Facebook*. Freirian Pedagogy.

LA PEDAGOGIA FREIRIANA: AMOR Y ODIO EN LA CURVA DE UN TIEMPO

RESUMEN

Este texto se inscribe en el campo de las discusiones sobre el amor, educación y docencia. Tiene la intención de provocar un debate sobre manifestaciones de amor y odio, por parte de profesores, acerca de la obra de Paulo Freire, en la curva de tiempo entre los años 2013 y 2017, periodo en que se instaura un creciente proceso de polarización sociopolítica y en el que ocurre un avance de olas neoconservadoras, a nivel mundial y nacional. Las subjetivaciones del amor en la educación, fueron comprendidas en el caos y en el desbordamiento de los aconteceres y traducidos en una metodología inspirada en el bricolaje de Lévi-Strauss y Kincheloe, y en conceptos de la “geofilosofía” de Deleuze y Guattari, denominada “caosgrafía”, que generó la composición de paisajes a través de una cartología rizomática, trazada en múltiples territorios teóricos. La obra de Paulo Freire fue discutida en dos movimientos: reflexiones sobre la concepción freiriana de amorosidad, en forma de tensionamientos en el campo epistemológico, y a interpretación de la polarización en torno a su obra, a partir de publicaciones de profesores en Facebook. Se consideró la relevancia y la complejidad conceptual de la obra freiriana y fueron destacadas sus contribuciones en la ruptura de concepciones pedagógicas hegemónicas, al evidenciar la presencia del amor en la educación, así como tensionada la idea de un amor determinado. También se consideró, que los enfrentamientos de opiniones en facebook sobre la obra de Freire tienden a no poseer una argumentación coherente, y que los sentidos de amor enunciados por los docentes revelan un tipo de distanciamiento de las propuestas originales freirianas y hasta la negación de sus principios.

Palabras clave: Amor. Docencia. Educación. Facebook. Pedagogía Freiriana.

INTRODUÇÃO

As teorias freireanas, disseminadas como Pedagogia Libertadora, são reconhecidas internacionalmente e habitam fortemente o campo da educação brasileira. Todavia, diante do conturbado contexto sociopolítico que se estabeleceu no país, sendo mais notável a partir do ano de 2013, as obras freireanas passaram a sofrer ampla resistência em várias frentes, especialmente nas que representam os movimentos conservadores de inspiração neoliberal e os religiosos de matrizes pentecostais e neopentecostais.

Devido ao seu compromisso político com a mudança de mundo, a partir da educação, Paulo Freire criou uma epistemologia fundada em princípios políticos e dialógicos, que são expressos em uma abordagem amorosa. Com certa influência do Materialismo-histórico-dialético e do Existencialismo, a Pedagogia Libertadora dedica-se à educação das massas e postula que todo educador, verdadeiramente comprometido em superar as desigualdades da realidade em que vive, deve voltar sua prática para uma educação libertadora (FREIRE, 1996). Na dimensão política, propõe uma formação contextualizada, crítica e situada, que visa ao empoderamento do sujeito para a transformação de si e do mundo. Tal processo se dá através do diálogo no diálogo, ou seja, é a dialogicidade, em sua dialética, que, praticada pelas pessoas

e entre elas o conhecimento, a natureza e a cultura, que potencializa as transformações sociais (FREIRE, 1993a).

Para Paulo Freire, o poder que o capitalismo exerce nas sociedades alavanca as desigualdades sociais e coloca o trabalhador em uma condição de oprimido, que precisa, portanto, livrar-se dos grilhões de tal situação. Para este fim, ele colocou na educação a responsabilidade de promover a conscientização do oprimido, a partir de uma prática crítica, baseada no diálogo; não em qualquer diálogo e, sim, em uma dialogia amorosa. A ideia de amor subjaz em toda a teoria freireana, para a qual a educação se desenvolve através do acolhimento, da solicitude e da solidariedade, assim como, da crítica, da politização e da conscientização, condições essas entendidas como amorosidade e que são imprescindíveis para a libertação dos sujeitos. Daí a necessidade de os professores encharcarem sua razão de emoção, a fim de favorecer os oprimidos a pronunciarem o mundo (FREIRE, 1981).

Ocorre que essas formulações, que pareciam ser consensuais para a maioria dos professores, passaram a ser questionadas até mesmo de forma violenta nas redes sociais, o que motivou a inclusão dessa discussão em uma pesquisa de doutorado¹ realizada entre os anos de 2013 e 2017 acerca do trinômio amor, educação e docência. O presente texto é fruto de inquietações geradas por tal investigação. Ele parte de reflexões sobre a obra freireana (1981, 1993a, 1993b, 1996)² e apresenta paisagens sobre como tais teorizações, especificamente as que tratam de amor e educação, foram abordadas no *Facebook*³ na curva deste tempo, compreendido como um período particularmente delicado no âmbito das relações sociopolíticas brasileiras, devido ao crescente processo de polarização e ao avanço de ondas neoconservadoras em nível mundial e nacional que ressoam, de modo direto, na educação e na docência do país. O campo de investigação, *Facebook*, não foi entendido como limite, mas como território instável que se lança em vários planos, estabelece zonas de vizinhança e, em sua interface espacial virtualizante, produz atualizações em variados domínios, nas quais eclodem expressões de como construímos o mundo. Por isso, um campo que é descamado, mas que se regenera e de descama, continuamente, multiplicando-se em inúmeras estratificações e compondo diversas paisagens incessantemente (ALMEIDA, 2017).

¹ Vide referências.

² Livros que dialogam, de modo mais direto, com esse texto. Todavia, Paulo Freire possui diversas outras obras que são amplamente estudadas no campo da educação.

³ *Facebook* é um site e serviço de rede social, lançado em 2004, operado e de propriedade privada da *Facebook Inc.* Tem sido considerado a maior rede social do mundo em número de usuários ativos. Atualmente, mais de dois bilhões de pessoas em todo o planeta. Para informações sobre os termos e princípios acesse: bilhões de <https://pt-br.facebook.com/principles.php> e <https://pt-br.facebook.com/legal/terms>.

Nesse cenário, o exercício de “sentirpensar” sobre as subjetivações do amor na educação não ocorreu a partir de uma lógica de ordenação hierárquica, com entrada e saída, mas no caos e no transbordamento dos acontecimentos, o que potencializou a criação de uma maneira própria de pesquisar (ZORDAN, 2014), fundada em uma “escrita-com-caos”, denominada “caosgrafia”. Esta metodologia, inspirada na bricolagem de Lévi-Strauss (1970), posteriormente, trabalhada por Kincheloe (2006; 2007) e em alguns conceitos da “geofilosofia”⁵ de Deleuze e Guattari (1976, 1995a; 1995b; 1998; 2009; 2012), buscou a composição de paisagens através de uma cartologia rizomática, em direção a uma nova forma de rigor, traçada em territórios teóricos múltiplos e entendendo a pesquisa como aspecto de um processo político mais amplo, que envolve as relações de poder que se constroem no cotidiano das interações sociais. No diálogo interposto no plano das dimensões intensivas das multiplicidades, foram bricolados *posts*, fragmentos, imagens, histórias, livros e lugares que se dobraram e se desdobraram, se modificando e se transformando na enunciação das paisagens, construídas pelos atravessamentos intermitentes dos encontros entre fluxos de permanência e fluxos de emergência.

Os fluxos de permanência indicam os saberes e crenças secularmente construídos que povoam os atravessamentos históricos, mas que não são cristalizados e nem desconectados da contemporaneidade; os fluxos de emergência referem-se aos novos saberes e crenças que surgem aliados às permanências históricas (ALMEIDA, 2017). Ambos coexistem nas temporalidades humanas, em uma dialógica processual de atualizações, potencializações, virtualizações, homogeneizações, heterogeneizações (GALEFFI; SALES, 2012). Tais fluxos ocorrem nas experiências humanamente temporalizadas que acontecem no tempo cronológico, todavia, em seus movimentos, não há um antes e um depois isolados, um passado e um futuro dissipados, mas um *entre*: o presente, em constante atualização.

Seguindo a essa compreensão de mundo, entende-se que o *Facebook* é afetado, diretamente, pelos fluxos dos acontecimentos e produz encontros de planos vivos, que agenciam a criação de novas paisagens. Nestas, um pico de intensidade que contribuiu para as dobras da pesquisa foi a alteração do teor das postagens sobre as obras do pedagogo e filósofo, Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, após a abertura do fosso de polarização sociopolítica, em que o Brasil, tragicamente, cada vez mais, mergulha⁶. Nos movimentos dos

⁵ Especificamente, os conceitos de subjetivação, agenciamento, território, rizoma, mapa, decalque, segmentarização molar e molecular e linhas de fuga.

⁶ Uma das ressonâncias desse fosso se refere às ameaças de revogação da Lei n. 12.612/2011, que concedeu o título de Patrono da Educação Brasileira a Paulo Freire. Em 2017, um pedido de extinção do título, validado por uma consulta pública que contou com mais de 20 mil assinaturas, foi levado à Comissão de Direitos Humanos e

fluxos de permanência e de emergência, a pedagogia freireana figura como ponto de destaque e, na curva do tempo em que a pesquisa foi desenvolvida, demonstrou relevância para a compreensão da docência no Brasil, merecendo a nossa atenção.

Neste texto discutimos a obra de Paulo Freire em dois movimentos: i) um debate sobre os modos de tratar o amor em sua obra, em forma de tensionamentos no campo epistemológico, tendo como chave de leitura alguns conceitos de Deleuze e Guattari e ii) a interpretação da polarização em torno de sua obra, por meio da bricolagem de manifestações de amor e ódio de professores, em postagens no *Facebook*.

UM DETERMINADO AMOR DETERMINADO? REFLEXÕES SOBRE A OBRA FREIREANA

A proposta de educação de Paulo Freire demanda uma práxis autônoma que visa à emancipação do ser humano para a transformação do mundo; desse modo, as relações educativas ocorrem na participação e no diálogo capazes de provocar ressignificações das experiências e práticas, tanto de alunos, quanto de professores. A práxis amorosa é, portanto, contrária a uma educação dominadora que visa à manutenção da opressão dos sujeitos (FREIRE, 1981). A cosmovisão freireana se coloca contra a tendência desumanizadora das relações de classe que é imposta pelo capitalismo e propõe a criação de um outro mundo, fundado em valores solidários, democráticos, justos e de paz, e tem na educação, através de uma “escola cidadã”, um veículo de potencialização de tal realidade. Essa proposta de escola supera a da “educação bancária”, fundada em um sistema mecânico, que parte da concepção de automatização da existência, empenhada no treinamento e na domesticação dos sujeitos e que contribui com a ampliação de expropriados e a marginalização dos excluídos (FREIRE, 1981).

O amor, na pedagogia freireana, é compreendido como um fundamento inerente à natureza humana e se dispõe nas relações entre os sujeitos, seres inacabados e incompletos que, conscientes de seu inacabamento e de sua incompletude, devem dialogar amorosamente para a superação de conflitos, em busca da humanização de todos. Para além de uma utopia provisória da educação contemporânea (MCLAREN, 1999), Freire propôs a permanência das utopias voltadas para a transformação de uma sociedade injusta e desigual. Valores como humildade,

Legislação Participativa do Senado Federal. Após análise, tal solicitação foi rejeitada. Maiores informações em: <https://www.cartacapital.com.br/educacaoreportagens/proposta-quer-retirar-o-titulo-de-patrono-da-educacao-de-paulo-freire/> <https://www.brasildefato.com.br/2017/10/12/escola-sem-partido-quer-apagar-paulo-freire-da-educacao-brasileira/> <https://www.cartacapital.com.br/educacaoreportagens/paulo-freire-segue-como-patrono-da-educacao-brasileira/> Acessos em: 13 jul. 2020.

solidariedade, fraternidade e cultura de paz são recorrentes nos escritos freireanos, o que denota certa influência dos preceitos cristãos sobre o amor ao próximo. Neste cenário, é possível afirmar que a proposta de amor freireana não trata de um amor genuíno e universal, já que apresenta uma concepção híbrida, que é constituída por múltiplas matrizes conceituais.

Olhando por um outro campo de referência – o preconizado por Deleuze e Guattari (2009) –, é possível inferir que, apesar dos territórios supostamente fixos em que as ideias freireanas repousam, sua epistemologia surge de um pensamento heterogêneo, pois, no ato criativo da pedagogia amorosa, há uma composição específica e, ao mesmo tempo, interativa, entre ciência e filosofia, entremeadas pela religiosidade. É possível que essa característica, relativamente aberta, seja um dos potencializadores que rendem às obras de Paulo Freire inúmeras críticas de estudiosos do campo social. Sua teoria, caracterizada como fundamentalmente humanista (GADOTTI, 2007), considera a ideia de transformação do mundo, a partir da conscientização do oprimido baseada “[...] em termos das várias filosofias contemporâneas, com inspiração mais romântica, na vaga do existencialismo marxista e/ou cristão (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2000, p. 34). Esse trânsito entre o marxismo e os preceitos cristãos favorece uma oposição aos seus trabalhos, tanto pelos conservadores do Cristianismo que não se convencem da influência crista nas obras, quanto pelos ortodoxos do Materialismo-histórico-dialético que discordam da valorização dada por Freire à autonomia individual frente às determinações da história (FERREIRA, 2007).

Mesmo acusados de subversivos e doutrinadores ou idealistas e ecléticos, os escritos de Paulo Freire vêm sendo utilizados por diferentes perspectivas pedagógicas, sejam elas as desenvolvidas no chão das fábricas ou as afloradas nos altares das igrejas, já que a Pedagogia Libertadora inspira tanto os movimentos sociais pela escolarização de trabalhadores, quanto alguns movimentos católicos progressistas. Desse modo, a ideia de amor que alicerça a obra freireana serve a ambas proposições, na medida em que se volta para a emancipação dos excluídos, a partir de uma educação crítica, que pretende a humanização, a partir das tensões geradas pelas lutas de classes. O amor freireano assume diferentes formas para cada grupo, mas, crentes e ateus se servem das teorias da libertação para seus propósitos, aparentemente, comuns, ou seja, possivelmente, ambos os grupos, a partir de suas diferentes matrizes referenciais, anseiam a instituição de um mundo mais justo e solidário.

Diante das suas proposições libertadoras alguns grupos acusam, ainda, a epistemologia de Paulo Freire de ser uma pedagogia exclusivamente romântica e ingênua, porém, é no teor político, conferido ao diálogo amoroso, que a linearidade de tal crítica é, pelo menos em parte, desmanchada. Freire acreditava na revolução como elemento propulsor da mudança do mundo

e que a educação amorosa poderia ser revolucionária. Pregava que, para além dos corpos dóceis e do amor caridoso, o amor, como ato político, impulsionaria os corpos para a luta. Para ele:

Cada vez nos convencemos mais da necessidade de que os verdadeiros revolucionários reconheçam na revolução, porque um ato criador e libertador, um ato de amor. Para nós a revolução, que não se faz sem teoria da revolução, portanto sem ciência, não tem nesta uma inconciliação com o amor. Pelo contrário, a revolução, que é feita pelos homens, o é em nome de sua humanização. Que leva os revolucionários a aderir aos oprimidos, senão a condição desumanizada em que se acham estes? Não é devido à deterioração a que se submete a palavra amor no mundo capitalista que a revolução vá deixar de ser amorosa, nem os revolucionários façam silêncio de ser caráter biófilo (FREIRE, 1993a, p. 79-80)

A partir desse panorama, é possível afirmar que a pedagogia freireana se constituiu nas tensões dos encontros entre os fluxos de permanência e de emergência, já que provocou algumas rupturas tanto em bases marxistas, quanto nas cristãs e, a partir de um pensamento heterogêneo, elaborou uma nova proposta de conhecer, de sentir e de pensar. Na coexistência de pensamentos do Materialismo-histórico-dialético e de alguns fundamentos do Cristianismo, Paulo Freire criou novos conceitos de compreensão de mundo, enfatizando as condições sociopolíticas brasileiras e os traduziu em uma epistemologia para a educação. O processo de expansão e contração pulsátil que impulsionou a elaboração dessa teoria ressoa em pulsações outras, quando colocadas em debate nas paisagens provisórias da educação. Dos escritos freireanos, são remontados cenários repletos de tensões que se manifestam em intensidades variadas e distintas. Ora considerados como obsoletos, românticos, utópicos e desnecessários, ora tidos como doutrinas que são ameaças à ordem imposta por uma proposta educacional linear e conteudista e ora, ainda, vistos como uma verdade pura, na qual a metodologia se faz como a salvação da educação, os princípios da Pedagogia Libertadora seguem compondo diagramas conflituosos que constituem, assim como são constituídos, por formas de amor criadas a partir de inúmeras matrizes.

Para além das múltiplas formas com que o amor é concebido nas permanências históricas, o que emerge na vida presente contribui, também, com a criação de novas formas de conceber o amor. Existe, portanto, um hibridismo referencial nas aparências e manifestações amorosas. O amor freireano pode servir para demonstrar o quanto os atravessamentos dos fluxos das temporalidades, com suas pulsações vibráteis, criam e recriam paisagens que atualizam nossos saberes e crenças. A permanência da lógica do amor cristão que serve, muitas vezes, para o conformismo e a obediência, em Paulo Freire, diante do contexto excludente da

maior parte da população brasileira, assim como, da emergência da Ditadura Militar⁷, assumiu um caráter viril e impulsionador de lutas contra este mesmo conformismo e obediência; o amor, com inspiração cristã, atravessado pelo Materialismo-histórico-dialético, se tornou um ato político.

À educação amorosa, compreendida como revolucionária, Freire delega a tarefa de promover a libertação de todos, oprimidos e opressores, tendo em vista um processo de humanização comum e, nesse propósito, a ação docente deve ser situada politicamente e comprometida com a transformação da realidade em que os alunos estão inseridos. O amor docente, na proposição freireana, não é um amor sacerdotal e caridoso, que desmobiliza o educador de sua própria luta em prol da luta dos alunos, conforme é pregado por inúmeras interpretações dos preceitos cristãos. O amor freireano propõe que os professores se coloquem em situação de enfrentamento das situações-limite (FREIRE, 1993a) do exercício da docência para promover mudanças na sociedade.

Apesar de Paulo Freire (1981) afirmar que não há educação imposta, como não há amor imposto, ele indica que o ato educativo parta de uma dialogia amorosa, proposta pelo professor. Embora expresse que não existe uma hierarquia na relação entre professores e alunos, pois ambos, em diálogo, se colocam em situação de aprendizes, é ao professor que é solicitada a responsabilidade por uma prática de deslocamento da condição oprimida do aluno. É o professor que deve promover o diálogo amoroso e devem partir dele, também, as estratégias para a conscientização do aluno de sua condição oprimida. Diante dessas proposições, cabem alguns questionamentos: responsabilizar-se pela conscientização do outro, não seria, de certa forma, uma tarefa opressora? O professor não seria, também, um corpo oprimido? Alguns dos duplos, em que se pauta tal pedagogia, como opressor/oprimido, prisão/libertação, alienação/conscientização, não seriam contradições à dinâmica do ato educativo? Não obstante a compreensão dos seres humanos como inacabados, limitá-los à condição de oprimidos e opressores não seria suprimir as aberturas do que se dá a viver? Normatizar o amor como um método não pode ser uma forma de enclausuramento do mesmo? Essas indicações não seriam tão fatalistas e lineares, ao ponto de romperem com a virilidade do amor, já que esse é compreendido como um fenômeno eminentemente humano? Tais questões são dispostas com a finalidade de tensionar a abordagem de amor freireana e, também, para colocar em pauta os fluxos de devir, que anunciam possibilidades outras, complexas, multirreferenciais e caóticas,

⁷Consolidada com o Golpe de 1964.

nas quais, professores anunciam, em suas ressignificações, as crenças e saberes que possuem sobre o amor postulado por Freire.

Partindo de um outro campo de compreensão, Pereira (2004) faz uma exegese do amor freireano e afirma que a pedagogia amorosa proposta por Freire é uma prática de liberdade esvaziada por partir da falta, inspirada no *eros* platônico, por ter como premissa a culpa e a expiação da influência cristã e por negar formas livres de resistência, como no amor cortês. Para ele:

Freire descontinua as ascetes platônica, cristã e cortês para um ambiente de reconhecimento de culpa. E faz da culpa uma estratégia pedagógica revolucionária. Nesse sentido, esvazia o sentido dionísio da ascese e do amor, na medida em que racionaliza todas as práticas e afasta todos os fantasmas que poderiam macular o trabalho civilizador do diálogo amoroso (PEREIRA, 2004, p. 224).

Segundo Pereira (2004), Paulo Freire possui uma obsessão pelo futuro, já que sua ascese propõe uma eterna manutenção do discurso da libertação e da salvação e nega, assim, a efetividade da vida. Ao racionalizar o amor, tendo em vista a conscientização do sujeito, arrisca estatizar os fluxos de devir, pois nega a liberdade dos processos de subjetivação.

Como já colocado, ao criar uma epistemologia da libertação, Freire se desloca por campos heterogêneos e não finca suas bases em uma única e higienizada referência, flexibilizando os horizontes de enunciação. Saindo do ato criativo e observando a criação, nota-se que, como em uma segmentarização molar (DELEUZE; GUATTARI, 2012), que tende a se cristalizar sob a forma de imagens e de representações, em uma mecânica arborescente de regulamentações e idealizações apolíneas, ele partiu de uma lógica binária, com oposições duais, em um mundo dado e repleto de representações, aparentemente, fixas. O seu método é disposto em linhas sucessórias e firmes, que partem de um ponto – o embrutecimento causado pelo capitalismo – a outro ponto – a libertação dos oprimidos. Entre causas e consequências, Paulo Freire pregava uma “escola cidadã”, tida como potência de mudança do real, em contraposição a uma “educação bancária”, a qual considerava mecânica e domesticadora. Todavia, apesar da crítica a um percurso educativo limitado e das rupturas que a sua proposta pode potencializar, ele manteve a indicação um caminho preestabelecido para chegar ao destino – a libertação dos oprimidos. Desse modo, a dialógica amorosa, com vistas à emancipação consciente do sujeito assume uma característica determinista, pois se fixa no duplo causa/consequência, no qual as tensões, já preconcebidas pela luta de classes, servem de escopo para a concretização do ato pedagógico.

Ainda observando a criação – a Pedagogia Libertadora – percebe-se, também, o atravessamento de segmentarizações moleculares (DELEUZE; GUATTARI, 2012), pois, ao colocar o amor como entremeio da luta de classes e a esperança, almejando a dissolução das estruturas fixas da organização de sociedades capitalistas, Paulo Freire transferiu a centralidade das rupturas que propôs, ofertando a um sentimento, que não possui um ordenamento hierárquico e nem segue uma linearidade rígida, já que é poroso e permite atravessamentos e encontros, a potência das desterritorializações. Há um deslocamento perceptível nesse aspecto. A partir de um arcabouço estável, com ordenamentos lineares, ele apostou em um sentimento ou, em suas palavras, em uma emoção, para alcançar o destino. Dessa maneira, o amor da teoria freireana não se coloca como veículo de salvação após a morte, mas, sim, para a luta, o que ele considerava a salvação nesta vida. Isso demonstra um corte, também, com a aparência transcendental que o amor assume no Cristianismo.

Ao respeitar o sujeito como ser histórico, Paulo Freire levou em consideração as singularidades, mas ao instituir uma prática pedagógica baseada em uma proposição causal e, de certa forma, objetiva, não teria desconsiderado as infinitas possibilidades dos processos de subjetivação? Ele propôs que os professores encharquem a razão e de emoção, mas ao instituir o diálogo amoroso como método, não teria tentado retirar as impurezas próprias desse sentimento imanado da virilidade humana, e racionalizado demais o amor, com riscos de dissociar razão e emoção? Diante de tais questionamentos, pode-se dizer que sua pedagogia serve mais às segmentarizações molares (DELEUZE; GUATTARI, 2012), pois em uma mecânica de regulações e idealizações apolíneas, tende a metodologizar, endurecer e determinar uma forma para o amor. Dessa maneira, compreende-se que no processo de criação de seus conceitos, Paulo Freire traçou linhas de fuga (DELEUZE; PARNET, 1998), já que, em um jogo com estratégias prontas, podem ser dissipadas as potências do *jogo-jogado* da vida (SERPA, 2011). Como, de um modo geral, a Pedagogia Libertadora não demonstra compreender a liberdade das subjetivações (PEREIRA, 2004), um determinado amor – o amor libertador de Freire – se contradiz em muitos pontos, pois é proposto como um amor determinado, o que pode vir a negar a sua própria sugestão de libertação docente, já que arrisca atrelá-la a uma sina de amar.

Todavia, é importante salientar que os agenciamentos do contexto em que Paulo Freire desenhou suas teorizações – a hegemonia do projeto moderno, as relações vorazes do capital, em um Brasil de transição entre o predomínio do modelo agrário e a organização de uma sociedade industrial, a necessidade de luta pela democratização da escola pública, a negação de condições, mínimas, de vida digna, para a maior parte da população do país e o horror da

Ditadura Militar (1964-1985) –, serviram para que este homem, em sua temporalidade, dialogasse com suas múltiplas referências, fossem elas políticas, filosóficas, sociológicas, econômicas, religiosas e/ou místicas, na elaboração de uma pedagogia que deu evidência à complexidade de um organismo humano, imerso em um contexto sociopolítico e cultural. A epistemologia freireana, de algum modo, expôs a necessidade de aliar razão e emoção e pregou uma educação para as relações. Dessa maneira, sua formulação conceitual é complexa e de alta relevância, tendo em vista que, nas tensões entre fluxos de permanência e de emergência, provocou uma ruptura nas concepções pedagógicas hegemônicas, alargou horizontes de referências e deu ao amor um espaço privilegiado na educação, enfrentando o discurso monológico da luta de classes.

PAISAGENS DE AMOR E ÓDIO E A PEDAGOGIA FREIREANA

Desde 2013, ano em que a pesquisa começou a ser engendrada, o Brasil sofre, explicitamente, uma série de atentados contra a democracia, advindos de muitas esferas, coligadas ou não, com diferentes naturezas e modos de operação variados. No período das eleições presidenciais de 2014 algumas ameaças foram anunciadas, mas só concretizadas, definitivamente, com o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Em uma sombra, similar as de alguns regimes totalitários, as lanças do medo e do ódio, que são atiradas por/sobre nós, vêm alvejando e enfraquecendo, paulatinamente, a manifestação de emoções que nos fazem seres de cooperação – seres de amor. Segmentarizações binárias nos lobotomizaram e nos polarizaram, ao ponto do ódio, indiscriminado, se sobrepor às múltiplas formas de amor.

O *Facebook*, decorado por tantos *memes* coloridos, postagens cheias de flores e de *emojis*, animados por coraçõezinhos, muito comuns, nos dias dos professores⁸, na curva do tempo em que a pesquisa aconteceu, passou, gradativamente, a receber, também, de modo transversalizado, excessivas postagens de ódio. Diante desse contexto, no que tange à relação entre amor e docência, é de se esperar que o alvo não seja voltado para as aparências de amor como missão e outras similares; o alvo é específico: o amor da pedagogia freireana. Foi possível notar que, especialmente depois de 2013, as teorizações dessa pedagogia, assim como o próprio Paulo Freire, por serem associados diretamente a um pensamento de esquerda, começaram a

⁸ Além das postagens de abominação à Pedagogia Freireana, um outro foco de intensidade que gerou uma das paisagens expostas na Tese foram as postagens de amor à docência, ocorridas nos dias 15 de outubro, celebração do Dia dos Professores, no Brasil.

ser repudiados por determinados setores populacionais no Brasil e, seguindo também a um movimento comunicacional com o suporte das redes sociais, passaram a ter ampla repercussão no palco do Facebook⁹.

FIGURA 1: Postagens envolvendo a obra freireana¹⁰



Fonte: Postagens no Facebook, 2013

Neste período, foi possível perceber que os posts sobre o amor da Pedagogia Libertadora, mesmo quando não tinham qualquer conotação política e, até mesmo, quando possuíam finalidades explicitamente comerciais, passaram a receber um número expressivo de

⁹ Embora muitas outras redes sociais digitais como o WhatsApp e o Twitter tenham obtido grande protagonismo no cenário político brasileiro, notadamente durante as eleições presidenciais de 2018, o Facebook manteve-se como veículo de discussões políticas, não perdendo a legitimidade como campo empírico para a investigação aqui apresentada.

¹⁰ Apesar de todas as postagens utilizadas no texto serem advindas da modalidade “pública” de exposição no Facebook, utilizamos tarjas brancas nas fotos de perfil e nos nomes de seus autores para fins de preservação de anonimato nesta publicação.

comentários, muitas vezes, descontextualizados e vazios de argumentações, classificando o amor político de Paulo Freire como doutrinação ideológica.

FIGURA 2: Pedagogia Libertadora e doutrinação ideológica



Fonte: Postagens no Facebook, 2012-2015

Ou, ainda, foi possível acessar postagens que, de modo direto, promoviam uma distorção das teorizações freireanas e, explicitamente, fomentavam ódio indiscriminado à própria figura de Paulo Freire.

FIGURA 3: Menos Paulo Freire, mais liberdade



Fonte: Postagens no Facebook, 2015-2016

As relações de poder nesse contexto não são veladas. Elas são categóricas. Movimentos, financiados pelas ordens mais conservadoras instaladas no país, utilizam os seus perfis no *Facebook*, para induzir a população contra os “fins satânicos do Comunismo”, por exemplo. Não são discutidos os modelos políticos de organização social, tampouco os princípios da epistemologia freireana; não são construídos argumentos; muito menos, há uma disposição dialógica de acolhimento. Nesse contexto, o amor, independentemente da forma que assuma, sucumbe, pois o que paira, quando se trata de educação e Paulo Freire, é uma histeria coletiva de abominação.

Os atravessamentos de fluxos agenciaram o encontro do amor com o ódio, no *Facebook*. Nesse ínterim, professores estão quebrando promessas de amor e compactuando juras de ódio. As zonas de vizinhança que professores transitam ao manifestar suas concepções de amor e docência, no *Facebook*, são inúmeras e isso ficou evidente no que tange ao amor freireano e a sua abominação. As postagens de amor e ódio em relação a Paulo Freire estavam, ali, nas fendas do *Facebook*, coexistindo, indistintamente, com o amor do mundo cor de rosa das heroínas e heróis missionários.

As formas de amor, sejam elas nas aparências de sacerdócio, vocação, dom, maternidade ou ato-político, muitas vezes, assentadas nos fluxos de permanência do Cristianismo, no *Facebook*, se avizinham à emergência de diferentes operações do Capitalismo. Ambos os fluxos, quando vinculam as aparências de amor a representações fixas, como se fossem fôrmas, atuam em tentativas de sequestro das singularidades. O amor dos sacerdotes vocacionados, das mães-professoras e o amor como ato-político, todas essas aparências, quando postas em fôrmas, são embrulhadas pela égide do sacrifício, que advém da tentativa de enclausuramento do amor vital e mundano, com as suas impurezas.

Porém, nas fissuras do *Facebook* também foi possível notar a irradiação de diferenças. Apesar de oferecerem resistência, tais fôrmas são sempre diluídas, pois, para além das influências cristãs distorcidas e das armadilhas do capitalismo, existem muitas outras referências que os professores acionam em suas maneiras, singulares e mutantes, de amar na profissão. Ademais, existem inúmeros vetores de subjetivação que atuam, entre as permanências e emergências da sociedade contemporânea, quando o assunto é amor, que vão desde os mitos das origens e obras de arte às composições de relacionamentos afetivos entre pares. São muitas as formas de sentir e de expressar tal sentimento e essa multiplicidade é fruto da diversidade de concepções de amor nas temporalidades humanas, das quais professores não estão isentos. Eles traçam rotas de fuga e recriam o amor sob aparências diversas e maneiras singulares de expressão, portanto, como formas e não fôrmas. Para alguns professores tais

formas são como mantras, entoados em diferentes vibrações; para outros soam como cascatas, cujas águas são correntes. As mesmas formas podem ser forças de resistência ou de opressão. O que é comum, é que todas elas estão, sempre, em vias de defasagem.

Nesse emaranhado caótico, no qual coexistem múltiplos contextos e referências, a teoria de Freire é desvirtuada, tanto pelos que a admiram, quanto pelos que a criticam, assim como, pelos que a abominam. Atualmente, diante do contexto sociopolítico do Brasil, fluxos de emergência rompem com o pensamento, de certo modo, consensual, sobre como a teoria freireana é compreendida. Sendo a Pedagogia Libertadora humanista, suas concepções permanecem amplamente defendidas no escopo da educação brasileira, mas, neste momento, também emergem muitos questionamentos que visam à sua desqualificação. Devido à tensão que os princípios neoliberais exercem no panorama nacional, vivenciamos um choque violento entre as necessidades de uma sociedade composta, em sua maioria, por pobres e miseráveis e o poder opressor do capital. Tal contexto ressoa, diretamente, na educação e, por consequência, no modo como Paulo Freire vem sendo entendido no país, ultimamente.

ALGUMAS PALAVRAS DE INACABAMENTO

É necessário salientar que os fluxos de emergência que interferem no consenso de que a Pedagogia Libertadora é uma Pedagogia da Esperança (1993b) surgem, principalmente, a partir da polarização assentada no cenário político brasileiro que hipnotizou e contagiou a população e incitou severos embates entre os militantes dos ideais de esquerda e os defensores dos ideais de direita e de extrema direita. Muitas vezes, os “gladiadores” entram no campo de batalha, sem munção suficiente quanto aos princípios que regem as ideologias, assim como, quanto ao escopo da obra freireana. Esses confrontos ideológicos, influenciados e, de certa forma, incentivados pelo aparato midiático hegemônico, têm, portanto, na Pedagogia Libertadora, um dos alvos. Muitas são as manifestações de ódio dos que são contra a teoria freireana e isso desperta, em contrapartida, as paixões dos que a defendem. A tensão verticalizada que paira sobre nós, brasileiros, ao mesmo tempo que provoca fúria, provoca apatia. O campo da educação é diretamente afetado pela flecha autoritária dos que desejam silenciar a heterogeneidade do pensamento e reações são esboçadas, mas são raras as que possuem a intensidade necessária para o confronto. É crescente o número de defensores de uma escola higienista e livre de ideologias sociopolíticas, ou seja, segmentada por linhas rígidas que

a aproximam de uma educação bancária¹¹. O combate ferrenho à autonomia e à liberdade que professores têm na lida da educação, significa a morte da esperança. Autonomia, liberdade e esperança, palavras estas repletas de sentidos na pedagogia freireana e que, provavelmente, fazem com que a mesma esteja sendo tão alvejada.

Como narrado neste texto, em tempos de interação via redes sociais, um espaço em que as afetações dos embates podem ser sentidas intensamente, é o *Facebook*. As pulsações emergidas neste campo e que foram, aqui, expostas, demonstram que vários são os confrontos sobre as concepções pregadas por Paulo Freire, nos quais professores são os protagonistas. Em tais disputas, amor e ódio se manifestam de modo indissociável. Na arena do *Facebook*, o debate se distancia das proposições originais freireanas e, inclusive, nega seus princípios. O amor pregado por Paulo Freire não é colocado em pauta, nem mesmo outras formas de amor são anunciadas a partir dos encontros com as ideias freireanas. O que é posto em jogo são as paixões despertadas pelas acepções políticas de cada usuário.

Alheios ou não a esse debate, outros professores se manifestam, diretamente, sobre o amor da Pedagogia da Libertação, anunciando, em seus *posts* e comentários, que comungam com tais ideais, porém, geralmente, de forma rasa, com expressões esvaziadas, soltas e sem pronúncias implicadas, críticas ou políticas sobre a proposta de Freire. As concepções freireanas, quando deslocadas do olhar complexo necessário para o entendimento dos fenômenos sociais, pode se constituir como uma ideologia simplista e mágica e, contrariando ao que se propõe, corre o risco de ser apolítica ou, até, antipolítica. Isso porque, o amor freireano, que visa à libertação do oprimido, pode ser opressor, pois na medida em que se constitui em segmentações, predominantemente, molares, estabelece linhas duras ao colocar o professor como responsável pela emancipação do outro. Com isso, pode favorecer a instalação de movimentos conservadores.

A célebre frase “não se pode falar de educação sem amor” parece possuir poderes hipnóticos e ressoa em praticamente todos os espaços pedagógicos; figura em paredes, epígrafes, camisas, pastas, agendas e demais aparatos que professores carregam em suas salas de aula. A intensidade com que essa frase e tantas outras assertivas de Paulo Freire aparecem no *Facebook* faz com que elas soem como mantras, os quais professores entoam sem,

¹¹ Como é o caso do Programa Escola Sem Partido que é um movimento político, criado em 2014, que diz representar pais e estudantes contrários ao que chamam de “doutrinação ideológica” nas escolas. Em 2015, ganhou notoriedade quando projetos de lei, inspirados em tal ideologia, começaram a ser apresentados e debatidos em inúmeras câmaras municipais, assembleias legislativas e Congresso Nacional Brasileiro. Maiores informações em: <https://www.escolasempartido.org/> Acesso em: 13 jul. 2020.

necessariamente, estarem conectados ao seu mentor, ou seja, para além das relações implicadas com as obras freireanas, tais frases são reproduzidas, muitas vezes, com finalidades banais e, até, comerciais, o que denota a complexidade multirreferencial com que professores reconstróem a teoria amorosa de Freire. As percepções que sustentam os entendimentos de tais excertos são diversas e, muitas vezes, distintas das concepções que embasam as obras freireanas; afinal, múltiplas são as referências que balizam as práticas pedagógicas, mesmo as práticas que se baseiam no amor pregado por Paulo Freire.

O poder que a Pedagogia Libertadora exerce sobre a docência no Brasil muito recai sobre contradições permanentes quanto às ideias de amor. Professores *professam*, *pronunciam* e militam em *prol* do amor freireano e, nesse cenário complexo, muitas vezes, o deslocam da contextualização política, o que é extremamente arriscado para a autonomia profissional. A campanha “*pro-amor*” do ideal de libertação, contraditoriamente, pode ser apropriada de modo medíocre pelo senso comum que determina o “*amor da pró*”. Isso pode oprimir professores, despolitizar suas práticas pedagógicas e negar, portanto, o cerne da Pedagogia Libertadora, já que contribui com a supressão profissional da docência. Por outro lado, à medida em que o amor freireano é deslocado desse cenário e recriado a partir de outras referências dos professores, novas formas de amor são engendradas e a determinação de um amor como dimensão crítica se configura de modo híbrido, multifacetado e com variadas intensidades. As imagens do pensamento sobre o amor, determinadas a partir de representações morais e dogmáticas, nos fluxos de devir, se diluem, compondo paisagens fluídas, com múltiplas formas e, muitas vezes, disformes. A paisagem gerada por manifestações, ora equânimes, ora conflituosas, é interessante do ponto de vista de que sobre o amor, não é possível fazer uma previsão ou determinação.

Das tensões e intensidades nos debates sobre educação, Pedagogia Libertadora e amor, no *Facebook*, surgem diferentes pulsações que provocam processos de desterritorialização do cerne criativo da pedagogia freireana e evidenciam novos territórios de significações sobre amor. O hibridismo referencial de professores, para além da influência freireana, faz com que eles criem paisagens em que o amor assume diferentes aparências e variadas maneiras de expressão. Em geral, o maior grau de intensidade com que o amor da Pedagogia Libertadora se manifesta, aparece nas frases de efeito daqueles que amam, em busca da salvação eterna, assim como, daqueles que amam a vida neste plano e se dizem dispostos para a luta, mas, nem sempre, uma luta solidária. Em ambos os casos, o amor freireano pode aparentar mera ingenuidade ou pura hipocrisia. Todavia, é possível inferir sobre outras implicações pedagógicas, seja quando professores acreditam seguir piamente as orientações metodológicas de Freire e se colocam em

uma disposição amorosa com seus alunos, enxergando-os como oprimidos, ou não; seja quando partem do amor preconizado pela Pedagogia Libertadora para criar seus próprios métodos, pautando-se em vários outros horizontes de referência; seja quando negam a possibilidade de metodologizar o amor. Muitas são as possibilidades em territórios que sofrem constantes deslocamentos.

Desse modo, os sentidos de amor engendrados pelos docentes que podem ser notados nas postagens da rede social, expostas ao longo deste texto, são diversos, distintos e revelam a multiplicidade de significações que coexistem quando o assunto é amor e educação. Amor que não pode ser determinado, já que, como sentimento, não suporta limites e habita inúmeros planos. Amar que é potência real, pois possui virtualidades e atualizações incessantes. Amor polilógico, polissêmico, polimorfo que emerge no caos de múltiplos contextos e que, como processo de expansão e contração pulsátil, gera novos saberes e crenças de amor, denotando acontecimentos das escamas do viver.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues. **poli[AMOR]fia**: paisagens da docência. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24776> . Acesso em: 1 jul. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche a e filosofia**. Tradução de Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol. 1. Tradução de Ana Lucia de Oliveira e Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Vol 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed.34, 1995b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Tradução Ana Lucia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Lúcia Cláudio Leão e Suely Ronilk. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

FERREIRA, André Gustavo. Acolhendo Freire: a recepção das ideias freireanas pelos educadores católicos. In: **Revista Interfaces de Saberes**, n.2, v.7, 2007. Disponível em: <https://interfacesdesaberes.fafica-pe.edu.br/index.php/import1/article/viewFile/67/37> Acesso: 02 jul. 2020

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GALEFFI, Dante; SALES, Kathia Marise Borges. Tudo que é real é virtual. Tudo que é virtual é real: considerações sobre a temporalidade mediada. In: ARNOUD, Soares de Lima Júnior (org.), **Educação e contemporaneidade: Contexto e singularidades**. Salvador, EDUFBA: EDUNEB, 2012, p. 103-124.

GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. A teoria educacional no Ocidente: entre modernidade e pós-modernidade. In.: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 32-36, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9785.pdf> Acesso: 03 jul. 2020.

KINCHELOE, Joe L.; McLAREN, Peter. Repensando a Teoria Crítica e a Pesquisa Qualitativa. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathlenn S. **Pesquisa em Educação**: conceituando a bricolagem. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1970.

MCLAREN, Peter. **Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PEREIRA, Nilton Mullet. **Histórias de amor na educação freireana**: a Pedagogia do Oprimido. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://lume.ufrgs.br/handle/10183/55323> Acesso: 29 jun 2020.

SERPA, Luiz Felipe Perret. Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2011. Disponível em: http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/14783/1/rascunho_digital.pdf Acesso: 13 jul. 2020

ZORDAN, Paola. Modos e maneiras de escrever uma pesquisa. In.: **Revista Digital do LAV** Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 117-130 - mai./ago.2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815109> Acesso: 05 jul. 2020.

Recebido em: 13.07.2020

Aceito em: 04.10.2020